

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Por Donizeth Aparecido dos Santos  
Doutorando em Letras (USP). Professor de Literatura Portuguesa na  
Faculdade de Telêmaco Borba

O leitor brasileiro que for apreciador da boa literatura e que tiver um mínimo de familiaridade com a obra de Guimarães Rosa certamente apreciará os contos e romances do escritor moçambicano Mia Couto.

Mia Couto é natural da cidade da Beira, em Moçambique, um dos cinco países africanos colonizados por Portugal e que devido a esse fato histórico tem a língua portuguesa como idioma oficial. O escritor, que só há pouco tempo tem-se tornado conhecido pelo público leitor brasileiro, em Portugal já é um autor consagrado desde o início da década de 90, havendo por lá, inclusive, “um verdadeiro culto por Mia Couto”, na opinião do crítico literário português Pires Laranjeira (1995).

Antes de iniciar sua carreira literária em 1983, quando publicou o livro de poemas *Raízes de orvalho*, ele trabalhava como jornalista desde 1974. Depois dessa estréia literária, retornou à Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, capital de Moçambique, onde se formou em Biologia (antes havia abandonado o curso de Medicina na mesma instituição). Da poesia partiu para o conto, publicando *Vozes Anoitecidas* em 1986, obra em que, segundo o próprio escritor (1998), estão as marcas da influência que reconhece ter recebido por via direta do escritor angolano José Luandino Vieira, e indiretamente do brasileiro João Guimarães Rosa. Em 1988 publicou *Cronicando*, um livro de crônicas, frutos de sua atividade jornalística, e em 1990 outro livro de contos, *Cada homem é uma raça*, chegando ao romance em 1992, ao publicar *Terra sonâmbula*. Depois publicou *Estórias abensonhadas* (contos, 1994), *A varanda do frangipani* (romance, 1996), *Contos do nascer da terra* (contos, 1997), *Vinte e zinco* (romance, 1999) *Mar me quer* (romance, 2000), *Na berma de nenhuma estrada e outros contos* (contos, 1999), *O último vôo do flamingo* (romance, 2000), *O gato e o escuro* (literatura infantil, 2001), *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (romance, 2002), *O fio das missangas* (contos, 2003), *A chuva pasmada* (literatura infantil, 2004), *O outro pé da sereia* (romance, 2006), *O beijo da palavrinha* (literatura infantil, 2006), *Venenos de Deus, remédios do Diabo* (romance, 2008) e *Antes de nascer o mundo* (romance, 2009).

Mia Couto é um daqueles raros escritores que possuem uma habilidade além do comum no manejo das possibilidades expressivas que o léxico e a sintaxe da língua portuguesa oferecem, servindo-se, muito à vontade por sinal, de ambos, e também fazendo produtivas incursões pela morfologia, através da criação de neologismos que enriquecem não só o português de Moçambique, mas, principalmente, a língua literária portuguesa.

A sua obra, cujas principais marcas são a criatividade e a inventividade da linguagem, aliadas ao humor e ao fantástico, caracteriza-se, segundo os principais críticos de literaturas de língua portuguesa, por uma linguagem poética requintadamente construída através do pleno exercício de criação e renovação da língua literária.

Pires Laranjeira (1995) elenca quatro componentes fundamentais que caracterizam a obra do escritor moçambicano, elementos esses que muitas vezes aparecem imbricados:

- a criatividade e a inventividade da linguagem;
- o realismo presente nas ações e caracteres que fornecem um quadro rigoroso e impressionante do social e do particular;
- a intromissão, de súbito, do imaginário ancestral, do fantástico, que transformam esse realismo social num imprevisto realismo animista;
- o humor elaborado através da intriga, de ocasiões e acontecimentos, de personagens e seus nomes, da narração e da linguagem da enunciação.

Praticamente todas as características descritas anteriormente são encontradas em *Terra sonâmbula*, obra que inaugura a caminhada de Mia Couto pelo romance, e que foi lançada no Brasil em 2007 pela editora Companhia das Letras. Nesse romance, o escritor, através da magia de sua escrita, consegue transformar a crueldade da guerra civil moçambicana em beleza literária.

Naquele lugar a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui, o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte (Couto, 2007: 9).

O romance narra duas histórias imbricadas. Na primeira, um velho (Tuahir) caminha a esmo com um menino (Muidinga) por um cenário caótico e desolador causado pela guerra, fugindo da matança imposta pelo choque das guerrilhas que disputam palmo a palmo o território moçambicano. Muidinga é um menino sem memória encontrado por Tuahir num campo de refugiados. O garoto não

tem nenhuma ideia de quem é e do que aconteceu com sua família, e ao vê-lo desamparado, o velho toma-o sob sua proteção, e juntos iniciam uma caminhada com o pretexto de encontrar a família de Muidinga, mas que, na verdade, era uma fuga da guerra.

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. Vão na ilusão de, mais além, haver um refúgio tranquilo. Avançam descalços, suas vestes têm a mesma cor do caminho. O velho se chama Tuahir. É magro, parece ter perdido toda a substância. O jovem se chama Muidinga. (Couto, 2007, p.9)

A segunda história entra no romance quando Tuahir e Muidinga encontram na estrada um ônibus queimado cheio de cadáveres carbonizados e, não muito longe do veículo, um outro cadáver, só que este morto a tiro e próximo dele uma mala contendo roupas, comida e alguns cadernos escolares. Ao deparar com os cadernos escritos, Muidinga recupera a capacidade de leitura e passa a ler um caderno por noite, ao pé da fogueira, ao iletrado Tuahir. E aí começa a segunda história intitulada Cadernos de Kindzu: “A lua parece ter sido chamada pela voz de Muidinga. A noite toda se vai enluarando. Pratinhada, a estrada escuta a estória que desponta dos cadernos: “Quero pôr os tempos...” (Couto, 2007, p.14).

Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências. Mas as lembranças desobedecem, entre a vontade de serem nada e o gosto de me roubarem do presente. Acendo a estória, me apago a mim. No fim destes escritos, serei de novo uma sobra sem voz. Sou chamado de Kindzu. É o nome que se dá às palmeiras mindinhas, essas que se curvam junto às praias. Quem não lhes conhece, arrependidas de terem crescido, saudosas do rente chão? Meu pai me escolheu para esse nome, homenagem à sua única preferência: beber sura, o vinho das palmeiras. (Couto, 2007, p. 15)

Ela narra as aventuras de Kindzu, desde a infância até a sua morte próxima ao ônibus queimado. Kindzu, o garoto que se torna adulto no decorrer da narrativa, depois de ver a sua família ser desestruturada por causa da guerra, também se transforma num fugitivo dela, embora, bem no fundo de si, desejasse ser um lendário guerreiro naparama.

Eu agora estava órfão da família e da amizade. Sem família que somos? Menos que poeira de um grão. Sem família, sem amigos: o que me restava fazer? Única saída era sozinhar-me, por minha conta, antes que me empurrassem para esse fogo que, lá fora, consumia tudo. [...] não restaria, ao menos, um lugarinho onde eu me encontrasse em privado sossego? Um sítio que a guerra tivesse esquecido? (Couto, 2007, p.29-30)

As duas histórias se imbricam por conta da leitura dos cadernos de Kindzu feita por Muidinga todas as noites, ao pé da fogueira, bem ao estilo dos tradicionais contadores de histórias da África, entrelaçando-se assim oralidade e escrita dentro do romance. Nesse sentido, a obra é dividida em onze duplos capítulos entrelaçados pela leitura realizada por Muidinga no final da primeira história, com a qual a segunda tem início.

Dessa forma, Tuahir e Muidinga, na fuga do terror da guerra, empreendem duas viagens pelo território moçambicano. A primeira, a bordo do ônibus queimado, porque, embora sem sair do lugar, o veículo os transporta para vários pontos de Moçambique, pois, magicamente, a paisagem ao redor dele se move constantemente, e assim, a cada amanhecer, eles estão numa terra diferente do dia anterior; e a outra, através da leitura dos cadernos de Kindzu, pois as aventuras do desventurado rapaz acontecem em várias regiões do país, todas assoladas pelo mal da guerra civil moçambicana.

Assim, Mia Couto, como um bom contador de histórias, através da magia de sua escrita, transforma uma das páginas mais tristes da história de Moçambique em beleza literária, levando o leitor a uma bela viagem pelo território da ficção, recheado de histórias míticas da literatura oral africana.